

A missa nova é protestantizante

Prevenimos aos modernistas que nos lerem — e os há em grande número - que, antes de estrubucharem de raiva contra a Montfort por causa do título acima, saibam que ele não é meu. Quem disse – além de conhecidas autoridades teológicas - que a Missa Nova foi feita por Paulo VI para aproximar a Missa católica da ceia calvinista foi um amigo pessoal e muito querido de Paulo VI, e confesso modernista: Jean Guitton.

Leia-se o que me chegou pela internet:

Jean Guitton e a Missa Paulo VI par Paxi (2009-09-10 13:24:43)

Assim, em 19 de Dezembro de 1993, participando de um debate de **Lumière 101**, a rádio dominical de Radio-Courtoisie, Jean Guitton sustentou que **«a intenção de Paulo VI quanto á liturgia, quanto a assim chamada vulgarização da Missa, era reformar a liturgia católica de modo fazê-a coincidir o quanto possível com a liturgia protestante... com a Ceia protestante»**. E mais adiante: **«... Eu repito que Paulo VI fez tudo o que estava em seu poder para aproximar a Missa católica - a do Concílio de Trento - da Ceia protestante. Particularmente ajudado por Mons. Bugnini, que nem smepre gozou de sua confiança, nesse ponto”**.

Entre os ouvintes da palestra, um Padre protestou, dizendo que *«não estava de acordo com Monsieur Guitton quando ele pretendia afirmar que Paulo VI quis aproximar a Missa católica da Ceia calvinista. Parecia-lhe que essa afirmação não se sustentava”*.

E Guitton respondeu: *«Naturalmente, eu não assisti a Ceia calvinista, mas eu assisti a Missa de Paulo VI. E a Missa de Paulo VI se apresenta principalmente como um banquete, não é? E ela insiste muito sobre o aspecto de participação em uma refeição e muito menos sobre a no;áo de sacrifício, de sacrifício ritual, face a Deus, a quem o Padre mostra apenas as suas costas. Então, creio não me enganar dizendo que a intenção de Paulo VI e da nova liturgia, que tem o seu nom, é de pedir aos fiéis uma maior participação na Missa, e dar um lugar maior à Sagrada Escritura e um lugar menor a tudo o que na Missa havia, conforme dizem alguns,*

“de mágico”, outros dizem “de consagração consubstancial”, - [e se corrigindo] - de transubstancial, e que é a fé católica”.

“Dito de outro modo, houve em Paulo VI a intenção ecumênica de mudar – ou, pelo menos, a de corrigir ou atenuar – o que havia de por demais “católico” [sic!], no sentido tradicional, na Missa, e de aproximar a Missa católica – eu repito - da missa calvinista”.

Um dos participantes desse debate, Yves Chiron, autor do livro **Paulo VI, o Papa esquartejado**, sublinha:

«Foi claramente uma revolução na Igreja». «Foi claramente uma revolução» confirmou Jean Guitton.

(Tirado de “SI SI NO NO” n° 13 juillet 1994 e de Solidatium 95).

E para saber que isso é verdade, basta ver o que acontece por aí, na Missa Nova, e comparar com o que se faz numa ceia protestante.

Que isso é verdade, basta se ver também pelos efeitos da Missa Nova: a espantosa diminuição da assitência dessa Missa e o êxodo dos católicos mais simples para as as igrejas protestantes.

Basta ver o número imenso de sacerdotes católicos que abandonou a batina e o sacerdócio, depois do Vaticano II e da Missa Nova.

Basta ver a realização da grande apostasia, que se seguiu a ela.

E chega de abstrusas hermenêuticas modernas fenomenológicas: basta abrir os olhos para se ver a realidade.

Os fatos dispensam hermenêuticas. Pois pelos frutos se conhece a árvore.

Portanto, muitas razões tem o Papa Bento XVI para empreender o retorno da Missa de sempre e para reformar a deforma da Missa feita pelo maçon Monsenhor Bugnini.

E apresso-me a lembrar aos apressadinhos que a Missa Nova, de si, é válida. Mas protestantizante.

São Paulo, 18 de setembro de 2009

Orlando Fedeli